

Brasilidade : memória viva da arte e cultura popular

Artista
Beatriz Coelho

Curadoria
Cristiano Gurgel Bickel

Junho de 2026



Sala Especial Beatriz Coelho

Brasilidade: memória viva da arte e cultura popular

Texto por Cristiano Gurgel Bickel

Professor do Departamento de Artes Plásticas - EBA /UFMG

Curador

A exposição Brasilidade: memória viva da arte e cultura popular, da artista visual Beatriz Coelho, apresenta ao público, em uma Sala Especial dedicada a artista, na Grande Galeria do Centro Cultural da UFMG, um conjunto de 43 pinturas em aquarelas dispostas em três séries de imagens organizadas nos temas da religiosidade, na série Ritos e Devoções; da corporalidade, na série Danças e Músicas; e da festividade, na série Celebrações e Festejos.

Com esse conjunto de imagens, a artista apresenta visualidades imaginárias das diversas manifestações da arte e cultura popular brasileira, percorrendo o calendário anual dos eventos religiosos e das festas populares. Em cores vibrantes e movimentos intensos, a mostra traz à tona cenas de festejos, cortejos e manifestações religiosas e culturais, permeadas pelas danças, músicas, indumentárias e localidades, reconstituindo-se a imaginária iconográfica e arquetípica do povo, da arquitetura e da paisagem brasileira.

Assim, os agrupamentos dos ritos e devoções, das danças e músicas, e das celebrações e festejos populares destacam uma profusão de ritmos e cores, que marcam a diversidade e remontam à ancestralidade da cultura brasileira. Dessa forma, a exposição age como uma revelação visual e como uma afirmação identitária do sentido de brasilidade, contribuindo para a preservação imaterial da memória artística e cultural brasileira.

Além disso, a exposição é uma homenagem em reconhecimento da artista Beatriz Coelho, primeira Professora Emérita da Escola de Belas Artes da UFMG, fundadora do Cecor e Diretora da EBA nos anos de 1970. Uma mulher empreendedora e inspiradora, que está muito à frente do seu tempo, sempre engajada com a defesa da Arte como exercício da criatividade e da liberdade de expressão, assim como com a preservação da memória cultural brasileira, nos aspectos tanto materiais quanto imateriais.

Paralelamente, no evento de abertura da exposição Brasilidade: memória viva da arte e cultura popular, ocorre o lançamento do livro autobiográfico de Beatriz Coelho, intitulado Travessia: Uma pernambucana em Minas Gerais, bem como a apresentação especial do grupo Capoeira Baobá. A exposição integra ainda a programação do 58º Festival de Inverno da UFMG.

Beatriz Coelho

A alegria da brasilidade e da alma

Texto por Fabrício Fernandino

Professor do Departamento de Artes Plásticas - EBA /UFMG

Diretor do Centro Cultural UFMG

Ao me deparar com o convite para escrever um texto institucional para a exposição *“Brasilidade: memória viva da arte e cultura popular”*, da artista e professora emérita Beatriz Coelho, vi-me atravessado por labirintos de memória e afeto. Diante disso, abdiquei da formalidade esperada e me deixei conduzir pela alegria do encontro — pelo sorriso contagiante, pela escuta generosa e pela delicadeza com que Beatriz cultiva a vida.

Para Beatriz, viver é um gesto contínuo e intenso de amor. Sua presença irradiante transforma tudo ao redor, seja em sua trajetória artística e acadêmica dentro e fora da Escola de Belas Artes da UFMG, seja em suas realizações marcantes como aluna, professora, criadora do CECOR e do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira. Ainda assim, permito-me aqui deslocar o foco dessas conquistas para tocar algo mais sutil e essencial: a força de sua alma de artista e a dimensão profundamente humana da mulher que encarna, com rara integridade, o espírito de Beatriz.

Há, em sua presença, um campo de atração: quem a conhece deseja permanecer; quem ainda não a encontrou, sente-se convocado à aproximação. Tangenciar sua trajetória é um privilégio — daqueles que não se explicam, apenas se vivem. Tive a dádiva dessa experiência, e por ela sou profundamente grato.

Tal intensidade talvez só possa ser vislumbrada nos vestígios sensíveis de seu cotidiano: nas plantas de seu jardim, nas paredes de sua casa — verdadeiros arquivos afetivos — recobertas por obras de arte, quase todas presentes de amigos artistas ao longo de uma vida compartilhada. Uma tarde em seu jardim se expande como um universo singular, onde arte e existência se entrelaçam de forma indissociável.

Sua vida é dedicada à arte — mas, sobretudo, a um amor fraterno que a arte nos permite experimentar e partilhar. Nenhum texto é capaz de abarcar essa dimensão; há afetos que só encontram expressão no gesto do abraço.

Queridíssima Beatriz, em sua plena juventude aos 92 anos, recebê-la nesta casa de cultura é mais que uma honra: é um privilégio. Sua mais recente investida artística reafirma a vitalidade de um percurso que se faz, ainda hoje, como celebração. A exposição *“Brasilidade: memória viva da arte e cultura popular”* é, em si, a manifestação dessa alegria que em você habita e transborda.

A UFMG, a Pró-Reitora de Cultura e o Centro Cultural agradecem — e eu, pessoalmente, a abraço com ternura.

Beatriz: Memórias em Aguadas

Texto por Sandra Bianchi

Professora Aposentada do Departamento de Desenho - EBA /UFMG

A trajetória de Beatriz Coelho é atravessada pela permanência da memória — memória que não se fixa, mas se transforma, desloca-se e encontra, na matéria da arte, novas formas de inscrição. Conheci Beatriz no início dos anos 1970, quando fui sua aluna na disciplina de Xilogravura I, na Escola de Belas Artes da UFMG. Àquela altura, sua produção tangenciava os universos da cultura popular brasileira, especialmente as festas tradicionais que habitavam sua infância. Vinda do Recife para Belo Horizonte, trouxe consigo imagens vívidas dos Caboclinhos, dos Cabeções e de outras celebrações que, entre o temor e o encantamento, marcaram profundamente seu imaginário.

Anos mais tarde, já como estudante da Escola Guignard, esses temas emergiriam com força renovada, convertendo-se em linguagem artística por meio de uma xilogravura figurativa expressiva e rigorosa. A artista consolidava, assim, uma pesquisa em que memória e construção formal se entrelaçavam com intensidade.

Pouco depois, integrou-se ao corpo docente da Escola de Belas Artes como professora de Xilogravura I. Paralelamente, voltou-se ao ofício da restauração de bens artísticos — campo no qual deixaria marca indelével. Fundadora do CECOR, centro de restauração vinculado à instituição, estruturou um dos mais importantes núcleos de conservação da América Latina. Durante quatro décadas, dedicou-se integralmente à gestão e consolidação desse espaço, com competência e brilhantismo, interrompendo, nesse período, sua atuação como gravadora.

Com a aposentadoria, no entanto, a pulsação criativa reaparece como necessidade vital. É na aquarela que Beatriz encontra novo campo de experimentação — linguagem que, pela transparência e fluidez, dialoga de modo singular com a ideia de memória em movimento. Conheci suas primeiras obras nessa técnica em uma mostra em Belo Horizonte. Desde então, passamos a manter um diálogo constante sobre sua produção — conversas que atravessavam questões de cor, composição, espacialidade e os desafios próprios das aguadas.

Inicialmente, surgem flores e frutos — muitos colhidos do jardim cultivado pela artista, outra de suas paixões. Em seguida, despontam paisagens. Até que, em 2021, anuncia um novo direcionamento: a figura humana retorna ao centro de sua investigação pictórica.

É então que o passado se reinscreve no presente, agora revestido de cor e celebração. Congados, Folias de Reis, Catopés e outras manifestações reaparecem, não mais como reminiscência gravada na madeira, mas como cena expandida, vibrante, atravessada por múltiplas narrativas visuais. O gesto incisivo da xilogravura cede lugar à sobreposição cromática e à atmosfera luminosa da aquarela, sem que se perca o rigor compositivo que sempre caracterizou sua obra.

Gradualmente, soluções gráficas que marcaram sua trajetória anterior se adaptam às especificidades da nova técnica. A artista incorpora a fluidez da água e do pigmento, permitindo que a cor construa atmosferas e intensifique a dimensão poética das cenas.

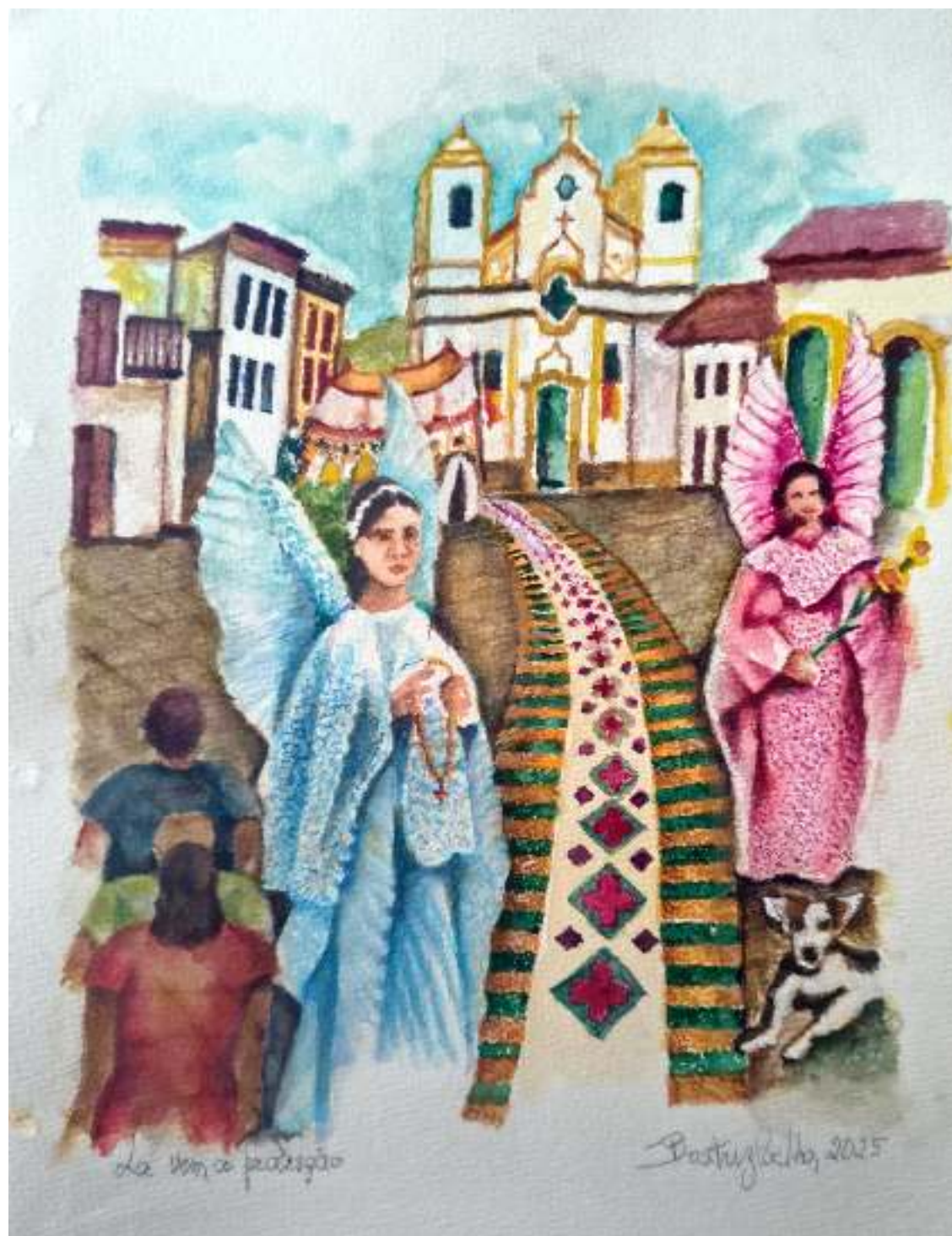
Acompanhar esse processo de retorno foi, para mim, um privilégio. Hoje, diante da vastidão e maturidade dessa produção, surpreende a coerência com que Beatriz reafirma sua pesquisa sob nova luz. O conjunto das aquarelas impõe-se pela força imagética, pelo valor cultural e pela beleza das composições. Mais do que representação, trata-se de uma reativação sensível da memória coletiva. Em suas obras, tradições populares permanecem vivas — não como registro nostálgico, mas como experiência estética pulsante, reafirmando a vitalidade da cultura brasileira.

Séries:

- 1 - Ritos e Devoções
- 2 - Danças e Músicas
- 3 - Celebrações e Festejos

Ritos e Devoções

Na Série 1 - Ritos e Devoções, são retratadas as práticas devocionais e ritualísticas religiosas, em manifestações de fé e de veneração às forças espirituais, com as homenagens, procissões e saudações às divindades, entidades e santidades, que ocorrem em Minas Gerais, nos Autos de Natal, nas procissões religiosas, nas homenagens à Nossa Senhora do Rosário e a São João, bem como, na Bahia, nas saudações à Iemanjá e ao Senhor Bonfim.



Lá vem a procissão
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[1/12]



Prá saldar lemanjá
Bahia
Aquarela, 23x31 cm
[2/12]



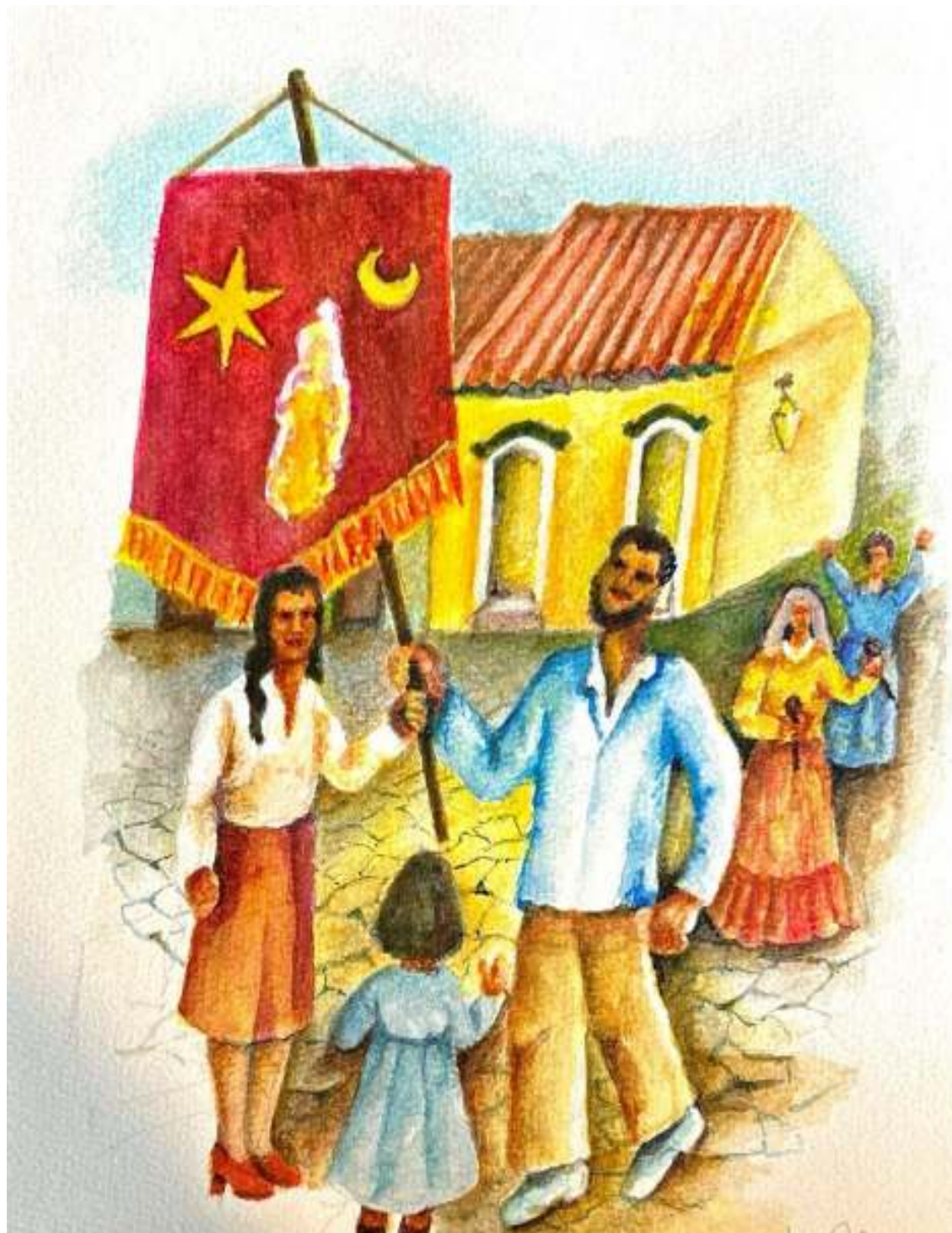
Em homenagem
a São João

Beatriz Coelho, 2025

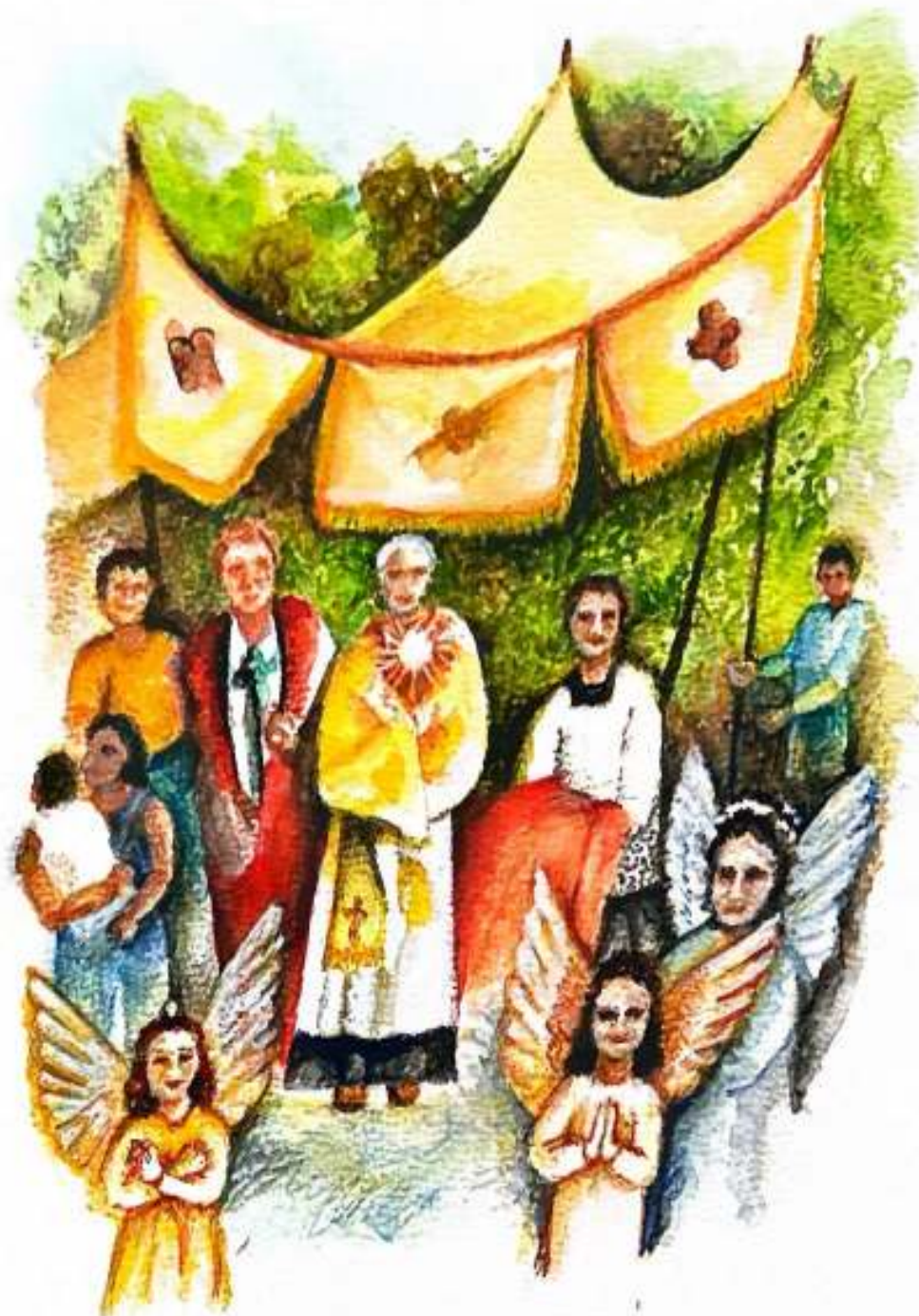
Em homenagem a São João
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[3/12]



Saldando lemanjá
Bahia
Aquarela, 23x31 cm
[4/12]



Auto de Natal
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[5/12]



Vai chegando a procissão
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[6/12]



Homenagem à Nossa Senhora do Rosário
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[7/12]



Lavação da escadaria do Senhor do Bonfim
Bahia
Aquarela, 23x31 cm
[8/12]



Salve o Senhor do Bonfim
Bahia
Aquarela, 23x31 cm
[9/12]



Águas de Oxalá, Senhor do Bonfim
Bahia
Aquarela, 23x31 cm
[10/12]



Raízes e Tradições

Bahia

Aquarela, 23x31 cm

[11/12]



Procissão saindo em MG
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[12/12]

Danças e Músicas

Na Série 2 - Danças e Músicas, são representadas as danças típicas regionais do Brasil originadas na pluralidade das interações locais com as influências indígenas, africanas, portuguesas e europeias, marcadas pela energia das movimentações corporais, composição dos trajes e adereços, e sonoridades genuínas, com o uso de instrumentos musicais e cantos próprios, que ocorrem em Minas Gerais, com a Capoeira, o Catopê e o Forró; em Pernambuco, com o Bumba meu Boi, os Bonecos Gigantes, o Frevo, o Maracatu e as Pastorinhas; e, em Alagoas, com os Guerreiros Alagoanos.



Frevo
Pernambuco
Aquarela, 23x31 cm
[1/18]



Capoeira I
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[2/18]



Guarda de Moçambique
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[3/18]



Bumba meu boi I
Maranhão
Aquarela, 23x31 cm
[4/18]



Maracatu de Baque solto 2
Pernambuco
Aquarela, 23x31 cm
[5/18]





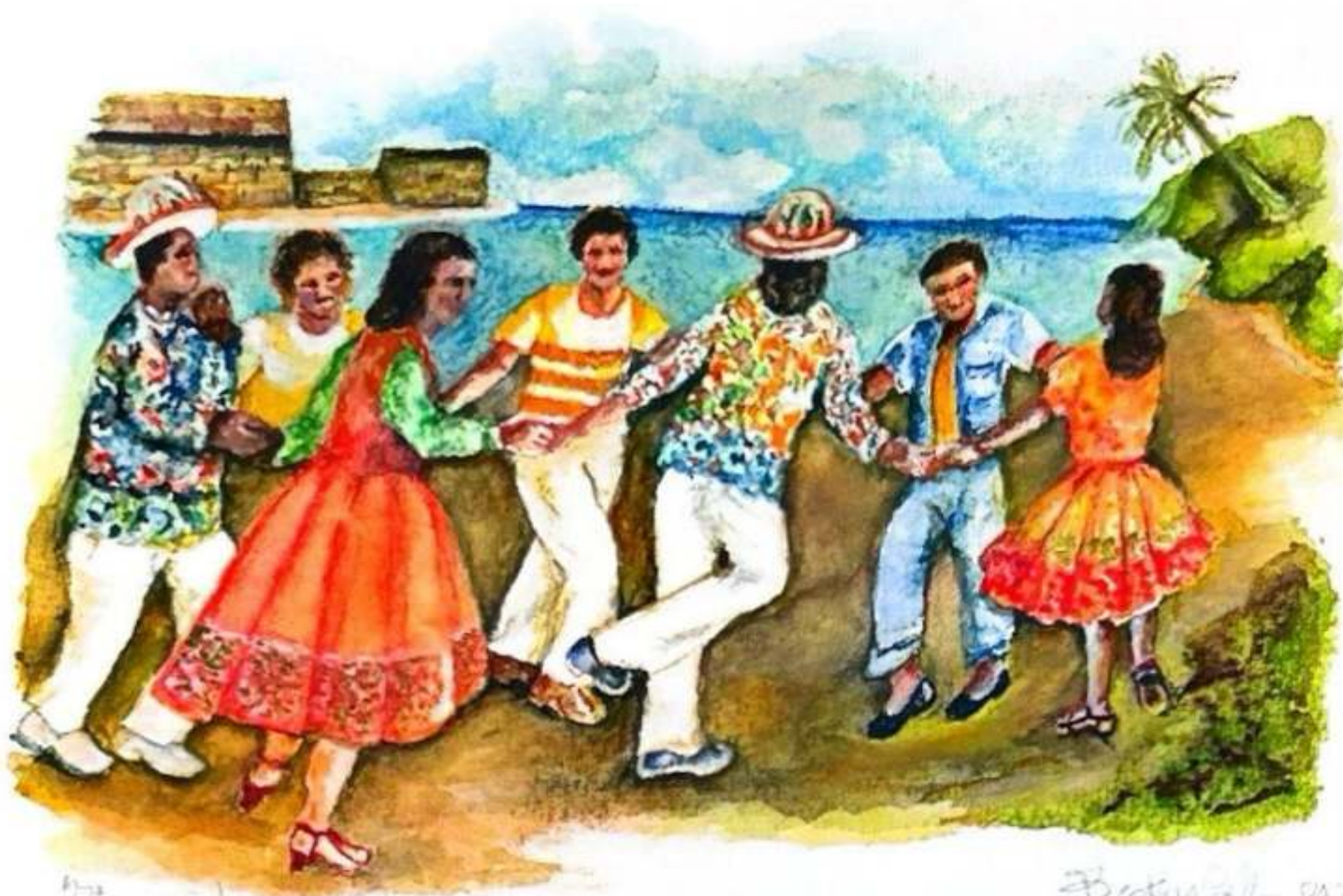
Catopê
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[7/18]



Guerreiros alagoanos
Alagoas
Aquarela, 23x31 cm
[8/18]



Maracatu de baque solto I
Pernambuco
Aquarela, 23x31 cm
[9/18]



Esta ciranda é
muito bonita

Beatriz Coelho 2025



Bonecos Gigantes de Olinda
Pernambuco
Aquarela, 23x31 cm
[11/18]



Bumba meu boi
Maranhão

Beatriz Coelho
2025

Bumba meu boi 2
Maranhão
Aquarela, 23x31 cm
[12/18]





Guerreiros de Alagoas
Alagoas
Aquarela, 23x31 cm
[14/18]



Beatriz Coelho, 2025



Frevo em Recife
Pernambuco
Aquarela, 23x31 cm
[16/18]



Capoeira 2
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[17/18]



Capoeiristas 3
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[18/18]

Celebrações e Festejos

Na Série 3 - Celebrações e Festejos, são destacadas as festividades populares que marcam as identidades regionais do Brasil e refletem as histórias e tradições locais, como práticas sociais de abrangência comunitária, ocorrendo em datas ou situações específicas, como, em Minas Gerais, com o Congado, a Festa do Divino, a Folia de Reis, a Marujada e o São João.



Festa do Divino
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[1/13]



Folia de Reis
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[2/13]



Violeiros do Congado

Minas Gerais

Aquarela, 23x31 cm

[3/13]



Marujada 2
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[4/13]



Rainha e guardas do Congo
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[5/13]



Salve o Rei! Salve a Rainha!

Salve o Rei! Salve a Rainha!

Minas Gerais

Aquarela, 23x31 cm

[6/13]



Marujos
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[7/13]



Marujada MG
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[8/13]



Folia de Reis 2
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[9/13]



Violeiro do Congado
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[10/13]



Rainha do Congo
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[11/13]



Congadeiros do
Divino de Minas

Congadeiros do Divino de Minas
Minas Gerais

Aquarela, 23x31 cm

[12/13]



Marujada I
Minas Gerais
Aquarela, 23x31 cm
[13/13]

Créditos

Brasilidade: memória viva da arte e cultura popular

Sala Especial Beatriz Coelho - Grande Galeria do Centro Cultural da UFMG
Exposição de 17 de junho a 24 de julho de 2026

Artista

Beatriz Ramos de Vasconcelos Coelho
Professora Emérita da Escola de Belas Artes da UFMG

Curadoria, Expografia e Design Gráfico

Cristiano Gurgel Bickel
Professor do Departamento de Artes Plásticas - EBA /UFMG

Conservação

Magali Melleu Sehn
Professora do Departamento de Artes Plásticas - EBA /UFMG

Apresentação

Sandra Bianchi
Professora Aposentada do Departamento de Desenho - EBA /UFMG

Fotografia

Alexandre Leão
Professor do Departamento de Fotografia e Cinema - EBA /UFMG
Coordenador do ilab. Equipe: Teresa Thomaz e Danielle Luce Cardoso

Equipe CCULT

Diretor

Fabício Fernandino

Diretor-adjunto

Marcos Domingos de
Oliveira Araújo

Secretaria

Melissandra Bastida

Comunicação

Camilla Borges

Educativo

Iêda Rodrigues

Expografia

Eliana Quaresma

Produção

Marcus de Queiroz
Ronan Lopes

Programação

Adriana Machado

Informática

Marcos Domingos de
Oliveira Araújo

